

# Verbos da clínica

ORGANIZADORAS

Raphaella Fagundes Daros

Janaína Mariano César

Luziane de Assis Ruela Siqueira

*VERBOS DA CLÍNICA*

Copyright © 2026 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial Ltda.

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação: **Beatriz Rodrigues**

Revisão: **Samara dos Santos Reis e César Carvalho**

Capa: **Delfin [Studio DelRey]**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

### **Summus Editorial**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

|           |           |                  |
|-----------|-----------|------------------|
| <b>7</b>  | <b>__</b> | Prefácio         |
| <b>9</b>  | <b>__</b> | Apresentação     |
| <b>13</b> | <b>__</b> | Abordar          |
| <b>18</b> | <b>__</b> | Brincar          |
| <b>24</b> | <b>__</b> | Clinicar         |
| <b>31</b> | <b>__</b> | Corposofar       |
| <b>37</b> | <b>__</b> | Criar            |
| <b>43</b> | <b>__</b> | Cuidar           |
| <b>47</b> | <b>__</b> | (Des)medicalizar |
| <b>53</b> | <b>__</b> | Empatizar        |
| <b>57</b> | <b>__</b> | Escreviver       |
| <b>61</b> | <b>__</b> | Escutar          |
| <b>68</b> | <b>__</b> | Genderizar       |
| <b>74</b> | <b>__</b> | Humanizar        |
| <b>80</b> | <b>__</b> | Imitar           |

|            |    |                    |
|------------|----|--------------------|
| <b>86</b>  | __ | Interseccionalizar |
| <b>92</b>  | __ | Inventar           |
| <b>96</b>  | __ | Lembrar            |
| <b>101</b> | __ | Maternar           |
| <b>106</b> | __ | Narrar             |
| <b>113</b> | __ | Ocupar             |
| <b>118</b> | __ | Oficinar           |
| <b>121</b> | __ | Olhar              |
| <b>125</b> | __ | Palavrear          |
| <b>131</b> | __ | Pertencer          |
| <b>138</b> | __ | Receber            |
| <b>143</b> | __ | Respirar           |
| <b>149</b> | __ | Ressoar            |
| <b>152</b> | __ | Sentir             |
| <b>158</b> | __ | Sonhar             |
| <b>165</b> | __ | Suportar           |
| <b>170</b> | __ | Sustentar          |
| <b>177</b> | __ | Tocar              |
| <b>183</b> | __ | Índice remissivo   |

# Prefácio

Letras, sílabas, palavras, frases.

Frases que contextualizam palavras grafadas em sílabas e letras. Não há um sentido sem contexto.

Massa: propriedade fundamental da matéria.

Massa: alimento à base de carboidrato.

Massa: aglomeração de pessoas, multidão.

Massa: pessoa, objeto ou evento bacana, legal.

A língua é viva e acompanha o tempo e suas circunstâncias: expressões populares metafóricas, gírias, neologismos. João Guimarães Rosa de *Grande sertão — Veredas* e Anthony Burgess e a novilíngua em *Laranja mecânica* são *linguadores* modernos de uma capacidade de expressão vocal humana universal e imemorial. Nomear pessoas, objetos, emoções, sentimentos... Expressar, comunicar, passar adiante. José, Maria, livro, caneta, angústia, prazer, saudade...

No escrito “Tratamento psíquico: tratamento da alma” (1890), Freud asinala que as palavras de nossa fala cotidiana não são outra coisa que ensalmos, rezas, benzeções esvaziadas. Também Claude Lévi-Strauss, no texto “A eficácia simbólica” (1949), relata a força e o poder curativo dos rituais e mitos realizados por xamãs e curandeiros. A palavra toca a alma-corpo.

No contexto psicanalítico reichiano, as expressões — verbais e gestuais — adquirem o *status* de primazia. Toda expressão tem um significado a ser contextualizado e associado. Tal contextualização na clínica contemporânea diz respeito não só à trajetória individual restrita, mas a todas as influências e variáveis sociais, ideológicas, raciais e de gênero que atravessam

a formação da personalidade. Assim, não é indiferente que um sujeito seja nativo ou imigrante, de determinada raça ou etnia, de uma classe socioeconômica de origem.

É nesse âmbito que o presente livro se insere. *Verbos da clínica* traz, em seus 31 verbetes, a escrita acerca de verbos importantes da clínica em suas novas formas de conjugá-los e compreendê-los. Da riqueza de conteúdos apresentados nos verbetes, destaco dois aspectos que se sobressaem: os neologismos e suas implicações clínicas.

*Corposofar, (des)medicalizar, empatizar, escrever, genderizar, interseccionalizar, maternar, oficiar e palavrear* são títulos neologizados de alguns dos artigos em pauta. Outros verbos, tais como *abordar, brincar, clinicar, criar, cuidar, escutar, humanizar, imitar, inventar, lembrar, narrar, ocupar, olhar, pertencer, receber, respirar, ressoar, sentir, sonhar, suportar, sustentar e tocar*, embora já bem conhecidos, aparecem com novas concepções e significados ampliados.

É bem verdade que os fatores ideológicos e sociais sempre estiveram presentes na clínica psicanalítica. Em *Psicologia de massas e análise do eu* (1921), Freud afirma que toda clínica é também social. Porém tal assinalamento ficou relegado a segundo plano, tendo o enfoque recaído em conflitos intrapsíquicos entre Eros e Tânatos.

Em seus artigos-verbetes, *Verbos da clínica* explicita e coloca em primeiro plano os vetores socioeconômicos, de raça, de gênero, de ancestralidade, de classe etc. que participam fortemente da formação da personalidade de cada sujeito singular. Tal postura se mostra em perfeita consonância com as temáticas de nossa sociedade contemporânea.

Uma última recomendação ao leitor é no sentido de que faça uso da leitura de cada verbo com reflexão. Pois, embora se conectem, cada tema abordado pode ser lido de forma independente.

Boa leitura!

CLAUDIO MELLO WAGNER  
Psicólogo, doutor em Psicologia  
e analista reichiano

# Apresentação — O fazer clínico e a composição de um verbário

RAPHAELLA FAGUNDES DAROS

JANAÍNA MARIANO CÉSAR

LUZIANE DE ASSIS RUELA SIQUEIRA

A composição deste verbário nasce da afirmação de uma obviedade: a de que todo verbo nomeia uma ação. Ainda que haja aqueles que denotem o estado das coisas, ou até mesmo fenômenos da natureza, os verbos em geral designam movimentos e, flexionados em suas variadas possibilidades de uso, conjugam tempos, modos, número, pessoa e voz. O infinitivo dos verbos nos diz, portanto, das suas virtuais e múltiplas direções, sentidos e modos de fazer, dando-nos o caminho inesgotável de inventar mundos.

Tendo a clínica psicológica como atividade composta enquanto campo de ofício, passamos a nos perguntar, à moda dos ditos populares: com quantos verbos se faz uma clínica? Questão que se desdobrou em tantas outras produzidas nos encontros organizados no espaço-tempo de uma atividade acadêmica direcionada a estudantes da pós-graduação em psicologia institucional na Universidade Federal do Espírito Santo (PPGPsi-Ufes), como parte da pesquisa de pós-doutoramento de Raphaella Daros, na vinculação com o mesmo programa: “Os processos de *formar-a-ação* dos corpos-terapeutas: indagações sobre a experiência do corpo nas práticas *psi*”.

Mobilizava-nos o debate sobre os processos formativos de um corpo que se abre e se constitui na experiência do cuidado que inclui a si e aos outros seres. Por meio da partilha das vivências que se presentificaram nesse espaço-tempo, intencionávamos atualizar o lugar do corpo na prática clínica *psi*. Os interesses acerca da atividade clínica se materializavam no chão de múltiplas práticas e pesquisas, reunindo um grupo diverso — cujas narrativas diziam tanto dos atendimentos psicoterápicos realizados em consul-

tórios privados quanto da atuação nas políticas públicas operacionalizadas nos centros de referência em saúde, assistência social e educação, inclusive as ações de cuidado promovidas no território da própria universidade.

Falávamos do exercício da clínica nos vários movimentos e ações que constituem certa forma de clinicar, e não de um campo reconhecido e nomeado em seu conjunto de teorias e técnicas. A proposta era experimentar os modos do fazer com o corpo. O que fazemos? Como fazemos? E para que fazemos o que fazemos? Por meio da experimentação, deslocávamos a prescrição. Tratava-se de *re-conhecer* uma determinada maneira de funcionamento e, na mesma medida, atualizá-la, desvirtuá-la, tateando a polissemia dos sentidos de cada ação, *corpando* as singularidades de um ofício e, assim, inventando coletivamente outros modos de fazer. Transformando os infinitivos em gerúndios, buscávamos equivococar uma postura individualizante e normativa de atuar. *Re-existimos*.

O rumo, produzido pelo comum de uma aposta ético-estética, foi guiado pelas pistas de intercessores que, ao nos fazerem companhia, possibilitam ampliar e afirmar certo estilo do fazer clínico engendrado em processos de subjetivação contemporâneos, evidenciando sobretudo sua dimensão política. Sendo o poder a ação de uma força sobre outra força (Foucault, 1995), como pensar o cuidado não como assujeitamento de uns sobre os outros, mas como prática ética de liberdade? Como a ação de cuidado de si pode levar a conhecer como se deve cuidar dos outros? Como, trabalhando sobre si mesmo em relação com o outro, pode-se produzir algum saber? (César, 2008).

Nesse percurso, encontramos no livro *Pesquisar na diferença — Um abecedário* (Fonseca, Nascimento e Maraschin, 2012) e n’*O abecedário de Gilles Deleuze*<sup>1</sup> aliados na revisitação de verbos que compõem tanto a atividade de pesquisar quanto a de clinicar. Olhar, escutar, falar, silenciar, intervir, escrever... A experimentação desses e de tantos outros verbos que compõem o exercício da pesquisa se conjuga à atuação clínica e inspira a composição deste verbário.

<sup>1</sup> *O abecedário de Gilles Deleuze* tem como título original *L’Abécédaire de Gilles Deleuze* e consiste em entrevistas realizadas entre Gilles Deleuze (1925-1995) e Claire Parnet (1953-). É um documentário televisivo francês exibido em 1996. Foi produzido por Pierre-André Boutang entre 1988 e 1989.

A imagem de um verbário brota da atitude de produção e cultivo. Uma espécie de colheita de verbos vivos que, em sua força orgânica, juntos produzem partilha, confluências e mobilizações. *Verbos da clínica* pretende reunir um conjunto de práticas cultivadas no cotidiano do entre-dois, entre grupos, como superfície de trabalho na qual se vive, se experimenta e se modifica.

Os verbos-práticas indicam o caráter ativo e implicado de uma clínica que se faz menos como especialidade e mais como experiência. Um verbo instaura um agir, mais que um falar sobre, e por isso fortalece a condição de vitalidade da clínica como *ethos*, uma experiência de cultivo de modos de se pensar, sentir, viver, relacionar, emocionar e trabalhar. Mais que perguntar onde se situa, com os verbos perguntamos “o que pode a clínica?” (Benevides e Passos, 2005), ou como acontece o que acontece. Mais que a localização de uma clínica *stricto sensu*, os verbos apontam para uma atitude clínica inseparável da construção de mundos.

A composição deste verbário ganhou movimento com um convite-encomenda destinado àqueles(as) que reconhecíamos como pares no comum dessa direção ético-política. Não tínhamos uma lista de verbos a serem sugeridos. A lista que aqui se apresenta emerge justamente da resposta voluntária ao chamado de conjugar conosco o infinitivo dos verbos que, naquele momento, mobilizavam cada um(a) no exercício cotidiano de suas atividades clínicas. A encomenda era o exercício de flexionar os verbos com base no infinitivo que os intitula, em direção a múltiplas vozes, singulares e plurais: eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas; e nos mais variados tempos, descrevendo passados, presentes e futuros, perfeitos, mais-que-perfeitos e imperfeitos.

E, se pudemos anteriormente falar da obviedade da função verbal de enunciar ações, temos aqui uma coletânea de verbetes nada óbvios. Ao mesmo tempo que nos apontam a infinitude inesgotável de verbos com que se faz uma clínica, eles ampliam nossa perspectiva de conjugação em uma conversa potente e diversa. Nela, muito rapidamente se pode notar não só a impossibilidade de conjugar um verbo sem evocar tantos outros, como também a dispensabilidade de se preocupar com a organização de um itinerário de leitura, seja ele qual for. Afinal, apesar da aposta anunciada em cada

verbo-título, a leitura de um verbete nos lança imediatamente à conexão com os outros verbos-pares-pistas, traçando para cada leitor(a) caminhos entrecruzados que, desejamos, o(a) dispensem da pragmática ordem alfabética com que resolvemos organizá-los.

O convite aqui é à deriva, aquela que exercitamos ao flunar — embora acreditemos que este seja um *livro-de-estar*.

## Referências

- BENEVIDES, R.; PASSOS, E. “Humanização na saúde: um novo modismo?” *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 9, n. 17, p. 389 -406, mar. 2005.
- CÉSAR, J. M. *Processos grupais e o plano impessoal — A grupalidade fora no grupo*. 2008. 128f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2008.
- FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (orgs.). *Pesquisar na diferença — Um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- FOUCAULT, M. “O sujeito e o poder”. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault — Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

# Abordar

THIAGO DE SOUSA FREITAS LIMA

“Qual é a sua abordagem?” Provavelmente essa é a pergunta mais ouvida por quem se envolve nos espaços de formação e atuação clínica. Construir uma resposta para tal indagação não acontece sem muitas angústias. No entanto, o objetivo deste verbete não é descrever uma lista das abordagens da psicologia ou ajudá-lo(a) a escolher a melhor para você, mas refletir uma dimensão ética do abordar. Ou seja, não se pretende falar das “linhas”, mas do ato. Não do substantivo, mas do verbo. O que está em jogo na prática clínica quando estamos, em última instância, produzindo encontros? O que podemos gerar quando abordamos uma pessoa? Abordar é um verbo que denota o sentido de se colocar a bordo. Ou seja, tocar ou ir em direção a uma das extremidades da embarcação. Entre suas derivações, o termo *bordada* refere-se ao ato de navegar, ao rumo que assume uma embarcação. O verbo também carrega um sentido de tomar de assalto, acometer algo ou alguém. Tal linha de pensamento pode fazer que a forma de investir sobre um tema, ou seja, a abordagem, carregue consigo ações invasivas, ações de apoderamento e desapropriação.

A contrapelo, o que gostaria de propor com o verbo é uma cisão da palavra: tentaremos, com base em um neologismo, *a-bordar* o tema da clínica. Assim, em vez de uma prática de conquista e colonização, a ideia é assumir uma postura de costura com os elementos que os encontros oferecem; uma disposição atenta às linhas<sup>1</sup> que nos constituem e a como os movimentos do corpo se tecem pelas sutilezas do encontro.

<sup>1</sup> Conceito desenvolvido no decorrer da obra *Mil platôs* como central na construção de uma realidade (Deleuze e Guattari, 1995, 1996, 1997).